



**A “CEIA DO SENHOR” E AS DIMENSÕES DO SAGRADO NO
PENTECOSTALISMO: UMA ETNOGRAFIA DA IGREJA PENTECOSTAL
ASSEMBLEIA DE DEUS CANAÃ, FORTALEZA, CEARÁ.**

ELIAKIM LUCENA DE ANDRADE¹

RESUMO: Este trabalho descreve e analisa o rito de Santa Ceia praticado entre um grupo específico de evangélicos pentecostais e, assim, compreende os significados dos que dele participam. Para tanto, duas perspectivas orientam esta pesquisa: a primeira relaciona-se ao campo de experiência do pesquisador, como ex-fiel do protestantismo pentecostal, ou seja, trazendo à memória o ritual mais significativo aos adeptos dessa crença; a segunda é a etnografia. Tendo como base um aporte teórico das ciências sociais e um trabalho de campo etnográfico, o pesquisador mergulha em um universo particular e ao mesmo tempo familiar, a Assembleia de Deus Canaã do Conjunto Prefeito José Walter, localizada na periferia de Fortaleza, Ceará, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Santa Ceia. Ritual. Etnografia.

INTRODUÇÃO

Há mais ou menos dois mil anos que a mensagem cristã é divulgada mundo afora. Desde então, crenças e práticas são mantidas e transformadas de acordo com o contexto histórico-social vivenciado pelos seus adeptos. Uma dessas práticas é a “ceia” realizada por Jesus e seus discípulos na noite de Páscoa e que está documentada nos Evangelhos. Hoje, as principais representantes da religião cristã – a Igreja Apostólica Romana, a Igreja Ortodoxa Russa e a diversidade de congregações Protestantes – ainda guardam esse ritual, cada uma com suas especificidades.

Este texto etnográfico busca descrever e analisar o rito de Santa Ceia praticado entre um grupo específico de evangélicos pentecostais² e, assim, compreender os significados que ele pode ter para os que nele participam. O campo de experiências escolhido para guiar tal reflexão é a Assembleia de Deus Canaã, que se encontra na Rua Bernardo Manuel no

¹ Graduado em Ciências Sociais pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre pelo PPGS pela mesma Instituição. E-mail: eliakimlucena@gmail.com.

² Os evangélicos pentecostais fundamentam sua doutrina na crença do “batismo com o espírito santo”, evidenciada através do falar em línguas estranhas, a glossolalia. Apesar da existência deste “núcleo doutrinário” comum que permite a classificação de diferentes denominações como pentecostais, o certo é que os diferentes núcleos religiosos, que atualizam esta doutrina são substancialmente diferentes” (Novais apud Mota, 1991, p. 40).

Conjunto Prefeito José Walter, bairro localizado na periferia de Fortaleza (Ceará, Brasil). Não sendo, portanto, de meu interesse tratar das generalidades dos rituais de comensalidade das diversas denominações cristãs, mas de uma situação específica e circunscrita.

Para tanto, dois caminhos direcionam esta pesquisa: a primeira relaciona-se ao meu campo de experiências pessoais, como ex-fiel do protestantismo pentecostal, ou seja, pretendo trazer à memória o ritual mais significativo aos adeptos dessa crença; o segundo é o trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever (OLIVEIRA, 2006) o ritual *in loco*.

As investigações foram iniciadas em outubro de 2010 e transcorreram-se até o fim de 2011. A princípio, a pesquisa se desenvolveu dentro dos limites físicos da igreja. Contudo, com minha adesão ao grupo, realizada por meio do processo de “reconciliação”, que é a aproximação do indivíduo com a “comunidade”, passei a observar os “irmãos” em seu cotidiano. Graças a essa atitude tive acesso a pregações, louvores, orações e testemunhos por meio dos quais se revelam as práticas de sentido dos pentecostais.

Além disso, foram realizadas entrevistas abertas com o pastor e com alguns dos fiéis nas quais eu os indagava sobre a importância da ceia do Senhor em suas vidas. Assim, faço uso das entrevistas e as relaciono com as minhas lembranças, em um processo contínuo de busca de experiências passadas enquanto fiel pentecostal. Tal como afirma BEAUD e WEBER (2007, p. 31), “o pesquisador não pode se fazer esquecer, não deve, pois, esquecer de si mesmo na análise. A observação etnográfica não se assenta sobre universos dos indivíduos mas, sim, sobre universos de relações”.

Contudo, antes disso, cabe fazer a seguinte indagação: como produzir um conhecimento etnográfico válido a partir de um contexto familiar? Como construir um saber objetivo a partir do confronto entre as minhas experiências passadas, enquanto fiel pentecostal, e as que presenciei, no momento da pesquisa, uma vez que já pertenci à congregação pentecostal investigada?

Para enfatizar este dilema etnográfico cito uma das inúmeras experiências de tentativa de conversão, registrada no meu diário de campo.

Após a pregação, é feito o apelo, momento onde o visitante é convidado a “aceitar Jesus como seu único e suficiente salvador”. Esse momento é o mais difícil para mim, aqui recorro de bons momentos que passei junto à igreja, o que me deixa bastante emocionado. Uma das práticas dos “irmãos”, nessa hora, é saírem pessoalmente convidando os visitantes para irem até a frente receber a oração. As tentativas foram várias para o convencimento da minha necessidade de estar junto ao Senhor, porém, em vão. A experiência espiritual não é forçada, ela desenvolve-se no indivíduo de maneira lenta e gradual, sem coerções ou constrangimentos. Entretanto, como já estive no lugar deles no passado, entendo-os muito bem, já senti a alegria de ver alguém aceitando Jesus e deixando uma vida de dor e sofrimento para trás³.

³ Diário de Campo, escrito no dia 10 de outubro de 2010.

Diante disso, busquei apoio nas palavras de Gilberto Velho, que diz: “por mais que tenha procurado reunir dados ‘verdadeiros’ e ‘objetivos’ sobre a vida daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo o trabalho” (1978: 130). Stéphane Beaud e Florence Weber dizem que:

[...] os universos que são próximos demais serão mais difíceis de pesquisar porque, sem recuo, tendo a impressão, de imediato, de compreender, mas, no final das contas, compreendendo sempre pela metade, você tem fortes chances de estar sujeito à ilusão de uma compreensão imediata (2007: 37).

Assim, o trabalho de perceber a interpretação pessoal dos fatos à minha volta, envolvendo a construção de um texto etnográfico, em que o estranhamento do familiar é possível quando confrontados “intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações a respeito de fatos e situações” (Velho, 1978: 131), foi desafiante.

O percurso até o Templo, o culto evangelístico e o rito de santa ceia

É um domingo do mês de agosto de 2011. Saio de casa por volta das 17h30. Estou indo à Igreja Assembleia de Deus Canaã do Conjunto Prefeito José Walter. Resido no Planalto Ayrton Senna, bairro adjacente ao “Zé Walter”, por isso, sigo a pé meu percurso até o templo⁴.

Em meu trajeto de ida a campo, é possível observar que nas proximidades do “Templo Canaã” há outras igrejas cristãs, são: a Assembleia de Deus Templo Central, a Assembleia de Deus Bela Vista, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Batista e a Igreja do Santo dos Últimos Dias (Mórmons). Algumas repletas de fiéis, outras não. Entre as igrejas pentecostais, a Canaã se destaca no Conjunto Prefeito José Walter, pois tem o maior número de membros. Contudo, no bairro, a congregação que detém o maior número de fiéis, é a Igreja Católica da Santíssima Trindade, que está a 2 km de distância da Canaã.

Um imenso portão de ferro guarnecido por um paredão branco de concreto com detalhes de um azul vivo faz lembrar o símbolo da igreja: uma pomba que representa o Espírito Santo de Deus englobando a Terra.

Ao atravessar a soleira, depara-se com uma antiga quadra coberta por um telhado com estrutura de ferro que protege o fiel das intempéries. Na quadra estão dispostas, enfileiradas, 400 cadeiras brancas que acomodam os fiéis. Em volta das cadeiras, corredores nos quais circulam os diáconos⁵, que observam se alguém precisa de alguma ajuda ou se há algum

⁴ Antigamente, o bairro Planalto Ayrton Senna era chamado de Pantanal. Tal atribuição se deve a uma chacina ocorrida no ano de 1993 na qual foram mortos três jovens. Desde então, o bairro possui o estigma do lugar perigoso.

⁵ Diácono é um termo antigo, de origem grega, que significa ministro. É usado na Canaã para classificar os membros que se disponibilizaram a trabalhar na “obra de Deus”, mas que estão hierarquicamente numa condição inferior ao presbítero e ao pastor.

jovem comportando-se indevidamente e, por isso, possa ser repreendido.

Sempre cheguei à igreja uns trinta minutos antes do início do culto e ficava a observar os fiéis que chegavam. Dos fiéis, aproximadamente 350 são membros, isto é, foram batizados e possuem a carteirinha de identificação. Ganhei a minha no dia 03 de julho de 2011, em tese sou um membro desta congregação.

O restante dos participantes é constituído por congregados; pessoas que gostam de estar na igreja, mas que não querem firmar laços de pertença definitiva com a instituição, e pelos visitantes, que são amigos, vizinhos, familiares ou colegas de trabalho e escola dos membros da comunidade.

Em dias de culto, o público feminino é bem maior que o masculino⁶. No entanto, apesar de terem participação majoritária na reunião, não há mulheres que pregam “a palavra de Deus”, mas essa observação não pressupõe que a Canaã está fechada à consagração de mulheres ao sacerdócio. Apenas não observei, na congregação em que realizei o trabalho de campo, a presença de mulheres no púlpito ou realizando a função do pastorado⁷. Elas, portanto, distribuem-se em outras atividades, como as musicais (desenvolvidas no Coral da igreja e no Ministério de louvor), no colhimento dos dízimos e das ofertas, na distribuição do pão e do vinho na Santa ceia, nos cuidados com as crianças, adolescentes e jovens, no evangelismo, na arrecadação de alimentos e nos afazeres da cantina.

Por outro lado, nos acentos reservados aos fiéis, homens e mulheres sentam-se próximos e não separados como na Congregação Cristã no Brasil.

As mulheres são o grupo majoritário, predominantemente na faixa etária de 30 a 50 anos. A maioria são mães e donas de casa, mas há aquelas que trabalham fora e sustentam a casa. Quanto ao trabalho pessoal, em sociedade, homens e mulheres desenvolvem as mais diversas profissões, do catador de material reciclável ao médico, da representante de venda ao

⁶ Segundo Machado (2004, p. 387-8), “os evangélicos encontram-se entre os grupos religiosos que apresentam as maiores taxa de fiéis do sexo feminino. Para ser mais precisa, a proporção das mulheres – 56% – é superior em 5 pontos percentuais à representação feminina na população brasileira – 51% –, e só perde para os espíritas, onde as mulheres representam 59,7% dos recenseados. Deve-se lembrar ainda que, em várias denominações pentecostais – Igreja Universal do Reino de Deus, Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, etc. –, a desproporção entre homens e as mulheres mostra-se maior do que aquela encontrada no conjunto dos evangélicos, o que acaba por dar um rosto feminino ao pentecostalismo”.

⁷ Segundo Machado (*idem*, p. 391), “em se tratando de um fenômeno recente, a consagração de mulheres ao sacerdócio ainda necessita de uma pesquisa mais ampla e comparativa envolvendo as diversas denominações religiosas. Entretanto, as primeiras análises sobre o tema sugerem uma forte associação entre o sacerdócio feminino e o laço matrimonial, uma vez que a maioria das pastoras é casada com homens que ocupam cargos hierárquicos iguais ou superiores em suas denominações. As trajetórias de algumas das mais expressivas lideranças pentecostais revelam a importância dos vínculos domésticos e o papel decisivo dos homens no processo de ascensão das mulheres nas hierarquias religiosas. Restaria analisar os artifícios desenvolvidos pelos dirigentes do sexo masculino para garantir o controle sobre a atuação feminina no púlpito”.

padeiro. Essa diversidade socioeconômica, mesmo em um bairro periférico, dá-se pela característica agregadora da Canaã que tem a fama, entre as diversas denominações pentecostais, de ser mais liberal com seus fiéis, chamando assim as classes da sociedade que outrora se distanciavam desse grupo pela sua austeridade exaustiva. Além disso, há também o processo gradual de adesão à teologia da prosperidade, que vende “bens de salvação” mais palpáveis como promessas de riquezas neste mundo. Outro detalhe significativo, que contribui para essa diferença entre os membros, são os pastores, que, em sua maioria, são homens formados, que chamam atenção dos fiéis pelo conhecimento profundo da Bíblia, exercendo assim atração sobre um público diverso de fiéis. Segundo o pastor da igreja,

Pessoas de diversas culturas, de diversos segmentos da sociedade, de diversas condições financeiras, elas se tornam todas iguais ali dentro, todas elas são iguais, ali é uma verdadeira... É o que... Uma sociedade formada de pessoas iguais, ali é um verdadeiro socialismo, é um socialismo, que eu vejo, verdadeiro, é dentro da igreja.

Apesar de existir essa relativa homogeneidade na situação de culto – como disse o pastor, “socialismo” –, as disparidades socioeconômicas são ressaltadas na distribuição de papéis na igreja. Os mais abastados estão dispostos em cargos mais elevados, como copastor e presbíteros, já os da base se contentam com o diaconato e outras funções ordinárias.

Há também aqueles que não exercem função nenhuma, como os idosos de ambos os sexos. O restante é constituído por crianças, que vêm acompanhando suas mães, além de jovens e adolescentes, que se organizam em um grupo chamado de Juventude Canaã (JUC). Ao todo, na JUC, somam-se aproximadamente quarenta jovens de ambos os sexos.

O culto evangelístico, reunião realizada aos domingos, cuja instituição religiosa disponibiliza salvação aos indivíduos, é dividido em três partes iniciadas e terminadas por orações do pastor, juntamente com a congregação de irmãos; são elas: “louvor”, “leitura e explanação da Bíblia Sagrada” pelo pastor, seguidos do apelo, e, finalmente, o recolhimento de dízimos e ofertas, seguido de alguns avisos.

Não obstante, o culto evangelístico, realizado no primeiro domingo do mês, destaca-se porque, diferente do culto evangelístico comum, comporta o rito de comensalidade que os pentecostais chamam de “Santa Ceia”, adicionando, assim, a sua composição temporal um momento entre “a ministração da palavra” e “o recolhimento dos dízimos e das ofertas”.

O culto inicia-se pontualmente às 18 horas, com uma oração proferida pelo pastor e a congregação. A maioria das orações executadas pelos fiéis segue um padrão: exaltação, agradecimento e súplicas, nesta ordem, sempre terminados com um “amém”, traduzido pelo pastor da congregação como “entrar em acordo”. O amém é um ato de fala, como diria John Austin (1990): uma enunciação que se caracteriza por realizar uma ação. O pastor sempre ressalta a importância do amém, afirmando que “ao dizer, o crente não pode mais voltar atrás”.

Após a primeira oração dá-se o louvor, semelhante a um espetáculo musical no qual os ministros de louvor seriam a grande atração e os fiéis o público exaltado. O louvor, segundo a líder do ministério de louvor, irmã Rebeca⁸,

É o canal [que leva a Deus] para as pessoas que estão ali te ouvindo, e a primeira pregação é o louvor, é o primeiro status que está dentro da igreja, é o louvor, e, depois, para começar a palavra [de Deus], então é uma preparação para quem está chegando.

O louvor, segundo os fiéis da Canaã, não pode ser comparado às experiências musicais mundanas. Os irmãos fecham os olhos, erguem as mãos e louvam, alguns com maior intensidade outros apenas balbuciando palavras. As expressões estampadas nos rostos são determinadas pela cadência do louvor, se o ritmo é frenético os fiéis demonstram muita energia batendo palmas, pulando, louvando em alto e bom som; por outro lado, quando o louvor possui uma cadência mais harmônica, os fiéis demonstram profunda tristeza, demonstram estar em um profundo estado de reflexão. Geralmente os louvores que antecedem a explanação da palavra são deste tipo.

Segundo a irmã Rebeca, na santa ceia o “louvor a Deus” torna-se ainda mais importante,

É na ceia principalmente, assim, muita das vezes, porque eu sou do ministério de louvor, estou lá louvando, e é incrível, eu até estava falando para os meninos, o ministério de louvor, a gente tem que estar consagrado, porque você é o canal para as pessoas que estão ali te ouvindo, e a primeira pregação é o louvor, é o primeiro status que está dentro da Igreja, é o louvor, e depois para começar a palavra, então é uma preparação para quem está chegando. Então, assim, tem hora que eu estou louvando que sinto que não sou eu que estou louvando. É algo assim... Eu sinto descer sobre mim unção e eu começo a louvar que às vezes eu nem sei o que aconteceu comigo, mas eu sei que algo muito maravilhoso deve ter acontecido comigo, é uma alegria imensa no coração.

Cantam-se, então, três hinos da “Harpa Cristã” e três hinos da cena musical gospel, e entre eles é feita a leitura da “palavra de Deus” pelo pastor, a pregação⁹.

O culto segue com a pregação – discurso autorizado pelo grupo¹⁰. Na pregação, o

⁸ No intuito de assegurar a integridade moral dos interlocutores dessa pesquisa, os nomes dispostos neste trabalho não condizem com a realidade, são apenas alusões que o pesquisador faz a personagens do Antigo Testamento bíblico.

⁹ Harpa Cristã é um conjunto de hinos que geralmente são publicados pela Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD). Cena é um conceito usado no estudo sobre a formação das complexas redes de afiliações entre grupos, sejam eles juvenis ou não (FREIRE FILHO; FERNANDES, 2005). A cena gospel é o espaço, no cenário musical brasileiro, usado pelos fiéis evangélicos, sejam eles pentecostais ou protestantes históricos, para divulgar a mensagem cristã por meio da música.

¹⁰ A noção de *discurso autorizado* é proposta por BOURDIEU (1998, p. 101), afirmando que “a especificidade do discurso de autoridade (curso professoral, sermão, etc.) reside no fato de que não basta que ele seja *compreendido* (pode até, em certos casos, sê-lo, sem perder o seu poder), e de que ele só exerce o seu efeito próprio na condição de ser *reconhecido* como tal. Este *reconhecimento* – acompanhado ou não da compreensão – só é concedido, no modo evidente, sob certas condições, que são aquelas que definem o uso legítimo: deve ser pronunciada pela pessoa legitimada para pronunciar, pelo detento do *skeptron*, conhecido e reconhecido como habilitado e capacitado para produzir essa classe particular de discurso, padre,

pastor ressalta o quanto é necessário ao fiel buscar “Jesus Cristo, o filho de Deus vivo”, fugir do pecado, e “viver de forma pura e reta”, separado do “mundo”. Em vários sermões que ouvi, o pastor expõe sempre o quanto é bom viver ao lado de Jesus e as recompensas materiais e espirituais – para o agora e para o além – que essa relação proporciona. Ele indaga:

Qual é a função de Jesus? Jesus “veio para dar vida, e vida em abundância”. Ele não se contenta com a vida normal, Ele não se contenta com a vida comum. Ele se contenta com uma vida sobrenatural, uma vida abundante, uma vida cheia da presença de Deus.

Na pregação, portanto, é divulgado e ensinado o padrão de conduta ético-comportamental que se distingue do padrão da sociedade global, enquanto comporta um conjunto de valores, normas e condutas.

Após a pregação, é realizado o apelo e uma das práticas dos membros da igreja, nessa hora, é sair pessoalmente convidando o visitante a “aceitar Jesus como seu único e suficiente salvador”. Tal prática é típica das “religiões monoteístas de missão universal”, cuja regra é “fazer proselitismo pregando oportuna ou inoportuna, de não sossegar enquanto não se alcançar a conversão de cada um que tenha sido chamado por Deus” (PIERUCCI, 2006, p 119)¹¹.

Das vezes em que estive em campo, o ritual de celebração da Santa Ceia foi iniciado com a leitura do capítulo 11, versículo 23 em diante, da I carta de Paulo à igreja de Coríntios, que é:

Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei: Que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim”. Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no seu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim”. Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha. Portanto, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será cada um a si mesmo, e então como do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação. Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram. Mas, se nós tivéssemos o cuidado de examinar a nós mesmos, não receberíamos juízo. Quando, porém, somos julgados pelo Senhor, estamos sendo disciplinados para que não sejamos condenados com o mundo. Portanto, meus irmãos, quando vocês se reunirem para comer, esperem uns pelos outros. Se alguém estiver com fome, coma em casa, para que, quando vocês se reunirem, isso não resulte em condenação.

Contudo, o pastor ressaltou, em uma situação de entrevista, que podem ser usadas outras leituras para iniciar a celebração. Os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João

professor, poeta, etc.; deve ser pronunciada numa situação legítima, ou seja, perante receptores legítimos (não se pode ler uma poesia dadaísta numa reunião do conselho de Ministros); deve, por fim, ser enunciado nas formas (sintáticas, fonéticas, etc.) legítimas”.

¹¹ O termo “religiões monoteístas de missão universal” deriva de PIERUCCI, (2006, p. 119) e é usado para designar “religiões cujo dinamismo constitutivo está fundado sobre a crença em uma missão divinamente revelada, que outra não é senão a missão de propagação universal da própria revelação emissária”.

também relatam a última ceia de Jesus na estalagem com os doze discípulos.

Em seguida, os diáconos e diaconisas levantam as bandejas contendo centenas de pedacinhos de pães e copinhos com vinho tinto em direção à igreja. O pastor e a igreja, todos com os braços erguidos e as palmas das mãos abertas direcionadas para as bandejas, fazem uma oração de *consagração* do “pão” e do “vinho”. Um hino é entoado, e os diáconos começam a percorrer a igreja distribuindo os pães e os copinhos com vinho aos fiéis¹².

Então, o pastor pergunta se todos estão servidos; entretantes, devido ao tempo e à quantidade de pessoas, dificilmente estão. Diáconos e diaconisas trabalham rápido para que o rito continue. Após isso, ele repete mais uma vez as palavras de Jesus no momento de sua última ceia – “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim” – e pronuncia “podei comer”. Todos comem. O pastor faz uma pausa, e alguns começam a chorar, outros oram, muitas vezes, concomitantemente. O pastor exhibe o copinho com vinho e, olhando para igreja, continua com as palavras de Jesus – “Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim” – e pronuncia “podei beber”. Nesse momento os fiéis dão continuidade às orações com os braços erguidos e as palmas das mãos abertas, permeadas de choro e glossolalia¹³. Outros exaltam e agradecem em voz alta exclamando: “Glória a Deus!”, “Obrigado Senhor!”, “Aleluia!”, “Louvado seja o nome de Jesus!”, etc.

Após a ceia, os copinhos de vinho são recolhidos pelos mesmos que os distribuíram. E é feita mais uma oração para abençoar os dízimos e as ofertas. Feita a prece, diaconisas passam com a salva¹⁴, e, posteriormente faz-se nova oração agradecendo a Deus pela contribuição dos irmãos e solicitando bênçãos para aqueles que ajudaram e para aqueles que não puderam contribuir com “a obra do Senhor”. Os dízimos e ofertas demarcam um sistema de trocas: dar, receber, retribuir. Por uma via, o sistema de obrigações é estabelecido com o deus, nesse caso Jesus, que provê aos fiéis boas oportunidades de trabalho remunerado, cura de doenças etc.; por outra, com os fiéis que retribuem tal oportunidade com 10% ou mais do recebido¹⁵.

São dados alguns avisos e em seguida o pastor ora exaltando o nome do “Senhor Jesus”, agradecendo suas misericórdias e bênçãos e suplicando a Deus uma boa semana para todos. Dá graças e despede-se.

¹² O vinho usado na cerimônia é produzido pela própria igreja, na Fazenda Canaã, assim como o pão que é feito por um irmão da igreja que é padeiro de profissão.

¹³ Geralmente ligado ao êxtase religioso, a glossolalia é um fenômeno em que o indivíduo crê que pode falar línguas divinas. Nas páginas abaixo, farei uma breve reflexão sobre os significados da glossolalia para os fiéis da Canaã.

¹⁴ A salva é o saquinho no qual os fiéis depositam suas contribuições.

¹⁵ A noção de “sistema de trocas” deriva de Mauss (2003) e exprime a ideia que a vida social é constituída por uma constante: dar-e-receber. Para Mauss, dar e receber são obrigações; obrigações que são organizadas de modo particular em cada caso. Daí a importância de entender como as trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares.

Análise ritual

Uma situação social em que se relacionam várias instâncias da vida dos fiéis, a ceia é de suma importância para a continuidade da fé pentecostal¹⁶. Para os fiéis, existe uma grande preparação para participar da “ceia do Senhor”. Costuma-se jejuar, abstendo-se da alimentação por um período, geralmente o da manhã. Outra prática comum é demorar-se de joelhos nas orações, uma vez que o sofrimento romperia os laços que prendem os fiéis ao profano. O sofrimento funciona com um culto negativo que engloba a ideia de que o enfrentamento da dor e da fome retiraria o indivíduo do profano e o colocaria na dimensão do sagrado. Segundo Durkheim, todas as interdições têm um caráter ascético, isto é, despojar-se da vida profana por meio de um regime de vida que tem fundamento em renúncias e constrangimentos (DURKHEIM, 1996, p. 330).

Contudo, antes de prosseguir com a análise do rito, faz-se necessário abrir um parêntese para expor um momento de extrema importância para o fiel pentecostal desta congregação. Ao converter-se¹⁷, ou seja, “mudar de trajetória”, o indivíduo, que agora é um fiel pentecostal, deve passar pelo processo de “discipulado” e receber o “batismo nas águas”.

O discipulado é um estado em que o novo convertido (neófito) passará por um processo pelo qual se aprende a cosmologia Cristã pentecostal. Segundo a apostila de Discipulado da Canaã, discipulado é:

Um estado ou condição de discípulo. A essência do discipulado se acha no cumprimento, pelo discípulo, do dever de ser testemunha do seu Senhor durante toda a sua vida. Quando o homem aceita a Cristo nasce de novo, ou seja, torna-se nova criatura. Assim, como não se pode administrar à criança recém-nascida alimentos sólidos, antes, o leite materno, também o novo convertido precisa conhecer as doutrinas básicas da salvação. Inicialmente a criança é alimentada pelos outros, mais tarde, porém começa a alimentar-se por conta própria e finalmente, quando adulta, passa a alimentar outros. Em resumo, discipulado é um trabalho espiritual pelo qual o novo crente se firma na fé, resultado tanto de um “treinamento prática” como de “ensino”.

¹⁶ A noção de situação social deriva de Gluckman (1987, p. 228) e exprime eventos passíveis de serem observados pelos cientistas sociais. Segundo o antropólogo, “a partir das situações sociais numa sociedade particular podem-se abstrair a estrutura social, nas relações sociais, as instituições, etc. daquela sociedade”.

¹⁷ Hans Prien (1985) expõe duas características da experiência de conversão no pentecostalismo: um sentimento específico de aversão ao mundo, e a conseqüente entrada no âmbito da salvação. Já Mendonça (1984), para caracterizar a experiência de conversão, atribui o termo “exótico” aos protestantes e aos pentecostais, argumentando que o padrão destes sempre será distinto do padrão de comportamento da sociedade global. No entanto, Mota (1991, p. 45) observa que existem traços distintivos entre o protestantismo histórico e o pentecostalismo no que se refere à conversão. Os adeptos do protestantismo histórico se caracterizam por vivenciar a vida religiosa nos limites da igreja, participando autonomamente da vida social e secular, igualmente fixada pelos limites da vida e do mundo, enquanto os adeptos da crença pentecostal fixam um marco delimitador rigoroso e impermeável entre as duas esferas, razão de a vida do mundo consistir um espaço profano. Para tanto, os pentecostais desenvolveram um mecanismo de interação social para suprir as dificuldades de integração à sociedade global. Com a conversão, o indivíduo se integra em um tipo específico de sociabilidade sacral, vivenciando-a pela “comunidade de irmãos”. É evidente que a partir da conversão os pentecostais produzem uma linha divisória entre o mundo e a esfera do sagrado e suprem, por meio da comunidade de irmãos, a ausência da relação do indivíduo converso com a sociedade global.

Essa comparação do discipulado com a criança amamentada trata-se de um mecanismo social disciplinador que funciona por meio de um processo de transmissão/aquisição, como se deve e o que não se deve fazer com o corpo¹⁸. Ou seja, o discipulado tem a função de inculcar nos membros de uma comunidade religiosa um conjunto de interdições que, segundo Roger Caillois, consistem “em evitar o contato do sagrado com o profano; o primeiro com a esfera da pureza, ou do bem; o segundo com a esfera da impureza, ou do mal” (CAILLOIS, 1990, p. 20). Segundo Durkheim, “[...] o mundo sagrado mantém com o mundo profano uma relação de antagonismo. Eles correspondem a duas formas de vidas que se excluem ou que, pelo menos, não podem ser vividas simultaneamente com a mesma intensidade [...]” (1996, p. 337). Portanto, “[...] há aí dois sistemas de estados de consciência que estão orientados e orientam nossa conduta para dois polos contrários [...]” (*idem*). Enfim, a função das interdições é impedir a aproximação entre os dois mundos.

Após o aprendizado com o processo de discipulado, o fiel da Canaã é batizado nas águas. Como uma espécie de rito de instituição, o batismo nas águas tem, pois, o efeito de consagração¹⁹. Trata-se de mais um rito de segregação, pois ele representa “a morte do fiel para o mundo terreno e uma nova vida com Jesus” e a comunidade de irmãos, ou seja, o batismo não representa apenas passagem, no sentido de ritos de passagem, proposto por Van Gennep (1977), mas também *separação* daqueles que nunca “sentarão à mesa”, “dos pecadores que não se rendem a Jesus”, e legitimação para participar da congregação, não mais como congregado, mas como membro, digno de fazer parte da “Ceia do Senhor”.

Ao conversar com um jovem convertido que havia participado da ceia pela primeira vez, perguntei-lhe o que sentira. Ele disse: “me sinto como eles agora”, direcionando o dedo indicador à igreja, pois estávamos do outro lado da rua, e continuou: “eu me sentia excluído”. Sua afirmação se refere à interdição imposta àqueles que não são batizados e à sensação de exclusão diante da comunidade de irmãos. Quando fiel, mas não batizado, lembro-me de que eu faltava todos os domingos de ceia, uma vez que cear me era interdito. Uma das maiores alegrias da minha vida, à época, foi participar da ceia do Senhor junto à igreja, pois, assim, me senti parte integrante da comunidade.

¹⁸ Mauss (2003) foi um dos primeiros a chamar atenção a respeito da sociedade como mecanismo modelador dos corpos. Com a expressão técnicas do corpo, o antropólogo francês enfatizava a interessante ideia da construção cultural dos corpos: “entendo por essa expressão as formas pelas quais os homens, de maneira tradicional em todas as sociedades, sabem se servir de seu corpo” (p. 401). A forma normal de uso do corpo é resultado de um processo educativo. Aprende-se o que se deve e que não se deve com o corpo desde que se nasce, e através de um processo simultâneo de transmissão/aquisição.

¹⁹ O termo rito de instituição deriva de BOURDIEU (1998, p. 109) e é entendido aqui como uma consagração ou legitimação que separa os que nunca passarão por ele e institui uma diferença entre aqueles que ele atinge e aqueles a quem ele não diz respeito.

Todavia, essa série de ritos não garante a presença do indivíduo na santa ceia, pois a sua sacralidade é vista com muita seriedade pelos membros da igreja, de modo que aquele que participa da partilha do pão e do vinho deve estar em santidade. Na fala da irmã Rebeca:

Eu já amanheço o dia jejuando. E aí meu jejum é prolongado até o meio-dia ou mais, se eu puder. Consagração, porque todo domingo pela manhã eu me consagro. E o que é uma consagração? Consagração é, realmente, eu estar separada das coisas que eu gosto de estar fazendo para eu poder realmente está ligada com aquilo que eu estou indo atrás, que é buscar Jesus. Eu estou indo buscar, então aquele momento, eu não estou indo para a Igreja só por ir; eu não sou aquela pessoa que vai para a Igreja porque tem que estar na Igreja, porque eu vou esquentar o banco da Igreja, não. Eu vou porque é um desejo que eu sinto de estar perto de Jesus. Mas eu só fico perto de Jesus se eu estiver realmente limpa, preparada para aquilo, então eu tento me preparar para isso, porque se não é só mais um dia que eu vou para um local onde tem várias pessoas e que eu vou sair sem sentir nada. Você sabia que por mais que a pregação seja maravilhosa, o louvor seja maravilhoso, mas se você não estiver de bem, realmente ligado com Deus, você não sente nada, você sai às vezes até pior.

Lembro-me da fábula, que por tantas vezes fora exposta na igreja, das duas bestas que habitam a consciência do indivíduo. Uma representa o bem e a outra o mal. As duas estão engaioladas na mente, prontas para duelar. Qual vencerá? Aquela que o indivíduo alimentar mais. Na Bíblia está escrito: “a fé vem pelo ouvir; ouvir a palavra de Deus”. A congregação de irmãos chama atenção do indivíduo que se encontra ausente. Do irmão que não participa das atividades. O propósito da congregação é firmar o indivíduo na vida sagrada. Os fiéis da igreja Canaã falam da importância de congregar, de estar reunido numa comunidade de irmãos para “adorar e louvar a Deus”. Eles usam a metáfora da brasa dispersa que facilmente se apaga. Ora, a brasa que se encontra num fogaréu, unida a outras brasas, dificilmente se apaga. O extinguir do fogo está diretamente relacionado à santidade. Eles acreditam que na medida em que o fiel se afasta do grupo sua fé é abalada, pois, no interior da congregação, há uma contínua exigência da santificação. Os irmãos estão a todo tempo provando a santidade do irmão. É uma permanente provação. Uma contínua vigilância. Uma microfísica do poder, nos termos de Foucault (2008), no qual um controla as ações do outro e vice-versa. Contudo, para os irmãos, na igreja, não há um ambiente hostil, de controle, mas sim de paz e harmonia, pois basta cada um fazer sua parte no interior da congregação e fora dela. Assim, ser santo, segundo os fiéis da Canaã, é estar em paz com Deus; para tanto, ele deve evitar as profanações, como vícios ou adultério, que possivelmente ele cometeria se não estivesse sob o olhar *pan-óptico* dos “irmãos”.

Dessa forma, a santa ceia teria a função de separar o puro do impuro, pois é nela que supostamente haveria a separação do indivíduo que está em comunhão (limpo, sem pecados, puro, portanto, obedecendo às regras) e o que não está em comunhão²⁰.

²⁰ As noções de puro e impuro, e limpo e sujo derivam de Douglas (1976) e dão a ideia de demarcação de práticas transgressivas que trazem desordem à estrutura.

A fala ritual, proferida pelo pastor, é enfática: “aquele que come e bebe indignamente do corpo e do sangue do Senhor é culpado”, e conseqüentemente torna-se sujeito a doenças e até à morte. Contudo, tal discurso mágico da palavra autorizada, segundo o qual quem comunga impuro pode estar sujeito a doenças ou até mesmo à morte não se usa entre os membros da igreja²¹. Eles falam mais em “entrar e sair do mesmo jeito, sem sentir nada, ou, às vezes, até pior”.

Eu só fico perto de Jesus se eu estiver realmente limpo, preparado para aquilo; então eu tento me preparar para isso, porque se não é só mais um dia que eu vou para um local onde tem várias pessoas e que eu vou sair sem sentir nada. Você sabia que por mais que a pregação seja maravilhosa, o louvor seja maravilhoso, mas se você não estiver de bem, realmente ligado com Deus, você não sente nada, você sai às vezes até pior...

Disse o irmão Jonas numa situação de entrevista. Em outro momento, Sara argumenta:

Você tem que estar bem com Deus. Você tem que ter uma ligação com Deus. É aí que eu entro naquele caso assim: eu tenho um amigo que ele era umbandista. E ele disse para mim: “Sara, quando eu ia participar de algum ritual, eu tinha que estar simplesmente... Tinha que tomar dois banhos, depois tomar banho com ervas, depois tomar banho com perfume para poder saber se eu ia estar apto a entrar na sala para poder fazer parte do ritual”. Então, para fazer um ritual para entidades malignas ele tinha toda essa preparação, tinha que lavar os pés para entrar dentro (sic) da sala, tinha que estar superbanhado e cheiroso... Às vezes eu me pergunto por que os evangélicos são tão relaxados a ponto de só ir para o culto se quiser, só vai de qualquer jeito, senta, se levanta, não tem aquela reverência que é para ter com o todo poderoso.

Uma das conseqüências desse estado de pureza é a glossolalia, o dom de falar em línguas estranhas. Segundo Aubrée (1985, p. 1071),

Um dos vários dons sobrenaturais que Deus outorga aos crentes para recompensar o bom seguimento dos preceitos da doutrina. O “falar em línguas” é um dos mais comuns e, sobretudo, o mais procurado pelos novos adeptos porque, dum lado, representa uma prova tangível de interesse do Espírito Santo pela pessoa, e que tem repercussões positivas a nível de estruturação individual e, do outro lado, constitui uma pressão implícita sobre o grupo no sentido da aceitação cada vez maior de dita pessoa.

Em uma comovente entrevista, a irmã Sara relatou sua primeira experiência com o “batismo com o Espírito Santo” e o “falar em línguas”.

Eu muita nova na Igreja, e vendo aquele estado, aquela situação das pessoas, falando em línguas estranhas, eu queria participar daquilo, mas não sabia como. Aí eu fui orientada, que eu tinha que orar, que eu tinha que estar realmente muito ligada com Deus, e eu passei a ter essa rotina na minha vida. Eu não parei de estudar, eu não parei de viver, eu não parei de ser criança, mas eu tinha o meu momento a mais com Deus; e eu comecei realmente a buscar, “Senhor eu quero ser batizada, para saber, eu quero ter essa experiência”. Eu acho que eu busquei a experiência. Quando num

²¹ Durkheim (1996, p. 319) faz uma oposição entre as interdições mágicas e as interdições religiosas. Segundo ele, ambas as interdições promulgam incompatibilidade entre certas coisas, separando-as. Mas as sanções são diferentes. A violação dos interditos religiosos provoca desordens materiais (punições automáticas como doença e morte natural); provoca também uma intervenção humana (censura e reprovação pública; certo estigma: o indivíduo está em falta com a comunidade, que o vê com indignação), pois a interdição religiosa implica a noção de respeito às coisas sagradas (imperativos categóricos). Já a violação dos interditos mágicos provoca somente danos materiais, pois está ligada a noção de propriedade, máximas utilitárias, primeiras formas de interdições higiênicas e médicas.

certo dia eu tava orando numa Igreja, e eu tava muito ligada; ligada que eu diga, assim, eu estava realmente pensando muito naquilo, estava orando, dando muito “glória”, quando eu fui batizada naquele momento. Foi único. Eu comecei a falar em línguas, eu senti, assim, um fogo na minha garganta e a minha língua não parava, e eu comecei a falar coisas que eu nunca tinha ouvido falar na minha vida, e dali mesmo eu sentia o que Deus tava querendo falar no meu coração, e, assim, o que eu falava, que saía da minha boca para fora, eu entendia em que aquilo resultava. Tipo assim, eu não sei inglês, mas é como se uma pessoa tivesse falando em inglês e eu pudesse entender tudo. E, assim, aquele momento foi especial, eu senti uma quentura, senti uma vontade de sair pulando, parecia, assim, uma energia fora do comum, e quando eu tomo a santa ceia, eu sinto, assim, a mesma energia, é fora do comum, eu fico sentindo, assim, uma sensação de que eu estou em um ambiente totalmente... Parece que eu não estou com ninguém, estou, assim, sozinha, e aí eu sinto vontade de chorar, sinto muita alegria no coração e muita vontade de...

Neste relato observamos a importância da comunidade de irmãos que chamou a atenção da moça, gerando, assim, o interesse dela em buscar o dom de línguas. Portanto, congregação na Canaã, não é apenas estar sob o olhar do outro, mas também aprender com ele. Aubrée (1985) ressalta em suas pesquisas que a presença do grupo é indispensável para a manifestação dessa experiência, tendo em vista que é “através de um contato mimético com as pessoas do grupo que conseguem se exprimir glossolalicamente” (p. 1074).

A ceia é também uma forma de testar a fidelidade do indivíduo, gerando um estado de coerção social. Dessa maneira, a ausência do fiel no rito pode remetê-lo ao estigma do “irmão que está no pecado”. Após meu batismo nas águas, sempre quando faltava a um culto de santa ceia, na reunião seguinte os irmãos me indagavam sobre minha ausência e, após desculpar-me sempre constrangido, chamavam-me ainda mais minha atenção com a seguinte repreensão: “olha lá o que você está fazendo, irmão”.

Assim, o culto em que a santa ceia se celebra é, portanto, considerado pela congregação o mais importante, em cuja presença dos membros é a mais exigida. De acordo com o irmão Isaac,

A santa ceia é um momento único que eu acho que não deveria ser feito só uma vez no mês. Eu acho que você (re)lembrar, porque a santa ceia é (re)lembrar o que Jesus passou, é o momento de união entre as pessoas, é o momento de confraternização, pelo menos eu acho que é isso que representa Jesus estar ali com os discípulos, é naquele momento. Tipo, eu chamar você para jantar na minha casa, e eu estar me sentindo feliz. Eu acho que a santa ceia, eu acho que era para ser isso, e não só simbolizar a morte de Jesus, mas ser um momento, realmente, de união. E hoje em dia, dentro da congregação, não tem união. Então, assim, isso era para ser feito mais vezes, e isso era para ser visto com mais valor pelas pessoas. Tanto é que tem gente que está na Igreja há muito tempo e ainda não se batizou nas águas porque acha ainda que não é o tempo, mas é porque não quer ainda se libertar das coisas do mundo. Se soubessem elas que a santa ceia é algo maravilhoso, mudariam de ideia, iam se batizar mais rápido para poderem fazer parte daquele momento.

A santa ceia, portanto, é um conjunto de práticas formais realizadas em um momento extracotidiano, determinado por tradição cujo fim é a reinserção do indivíduo no grupo em um novo estado, mais forte, estável, com mais confiança e certificado com direitos e deveres cujo fim é a continuidade da crença. Segundo Durkheim (1996), as cerimônias religiosas

mobilizam a comunidade, os indivíduos se aproximam, multiplicam-se os contatos e torna-os mais íntimos.

Certa noite de ceia, o pastor, após alguns minutos de oração silenciosa, fez uma pergunta: “por que existe a ceia do Senhor?”. E, após alguns segundos de silêncio e reflexão dos fiéis, o pastor responde à igreja que a ceia, realizada por Jesus e os discípulos na noite de Páscoa, foi o sinal de uma nova aliança de Deus com os homens, e o ritual, praticado mensalmente pelos fiéis pentecostais, é a renovação dessa aliança, é a declaração, por parte da igreja, da fidelidade a Deus.

Assim, o ritual de santa ceia, para os fiéis da Assembleia de Deus Canaã, além de demarcar aqueles que estão consagrados, faz com que os indivíduos participantes reflitam sobre suas condutas, cumpram uma ordenança, ou seja, mantenham a tradição, celebrem a comunhão e antecipem o gozo da segunda vinda de Jesus, que virá para buscar todos os crentes para a cidade celestial.

ANDRADE, Eliakim Lucena de. The “Lord’s Supper” and the dimensions of the sacred in Pentecostalism: An Ethnography of the Pentecostal Assemblies of God church Canaan, Fortaleza, Ceará. *Percurso*, Marília, v. 1, n. 1, 2015, p. 23-37.

ABSTRACT: This paper describes and analyzes the rite of the Holy Supper practiced by a specific Pentecostal group and, in this manner, it understands the meanings it may have for those who participate in it. In order to do so, two perspectives guide this research: the first relates to the field of experience of the researcher, as a former Pentecostal Protestantism believer, i.e., bringing to mind the followers of this belief, and the second is ethnography. Based on a social science theoretical support and ethnographic fieldwork, the researcher immerses into a particular universe and yet familiar, the Assembleia de Deus Canaã do Conjunto Prefeito José Walter - located on the outskirts of Fortaleza, Ceará, Brazil.

KEYWORDS: Holy Supper. Ritual. Ethnography.

REFERÊNCIAS

AUBRÉE, M. O transe: a resposta do xangô e do pentecostalismo. *Ciência e Cultura*, v. 37, n. 7, p. 1070-1075, 1983.

AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer: palavra e ação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

BEAUD, S. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

- BOURDIEU, P. *O que falar quer dizer: a economia das trocas linguísticas*. Algés, Portugal: DIFEL, 1998.
- CAILLOIS, R. *O homem e o Sagrado*. Lisboa, Edições 70, 1990.
- COLLINS, R. *Quatro tradições sociológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CANAÃ. *Discipulado da Canaã*. Fortaleza: Canaã, 2011.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- FREIRE FILHO, J.; FERNANDES, F. Jovens, Espaço Urbano e Identidade: reflexões sobre o conceito de cena musical. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GENNEP, A. V. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc.* Petrópolis: Vozes, 1977.
- GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDNABBIANCO, B. *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, 1987.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: 1975.
- MACHADO, M. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. In: *Revista de Estudos Feministas*, a. 2, v. 13. Florianópolis, 2005.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosak Naify, 2003.
- MENDONÇA, A. G. & VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MOTA, F. A. *O sagrado no pentecostalismo: uma análise da experiência religiosa pentecostal e sua expressão social*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 1991.
- OLIVEIRA, R. C. *O trabalho antropológico*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- PIERUCCI, A. F. *Religião como solvente – uma aula*. *Novos Estudos*, n. 75, 2006.
- PRIEN, H. J. *La historia del Cristianismo em America Latina*. Ed. Sinodal-Sigueme, 1985.

Recebido em: 25.06.2013

Aceito em: 19.05.2014